

# Sobre Dança e Literatura

Por Rodolfo Witzig Guttilla

Inicialmente, gostaria de agradecer à Cooperativa Paulista de Dança o convite para discutir as relações entre Dança e Literatura.

Adianto, de antemão, que não sou profissional de pesquisa ou crítica em nenhum dos dois campos. Minha formação e especialização deram-se nas disciplinas da Antropologia e da Comunicação. Há 15 anos atuo nas áreas do relacionamento público, do marketing e da comunicação.

Não sou, todavia, um diletante – ao menos em Literatura. Há 21 anos, inaugurei minha oficina poética ao publicar, em edição independente, um livrinho de poemas. Dois anos depois, também de forma independente, editei o segundo (para mercê do autor, os livros encontram-se fora de circulação há muitos anos). Entre 1990 e 2003, fui publicado em 2 antologias. Em março deste ano, publiquei “*Uns & Outros*”, primeiro livro de poesia, por uma editora de mercado.

Coincidentemente, meu envolvimento com a Dança remonta também a 1984. Naquele ano, conheci minha mulher, Carmen Gomide, que hoje preside a Cooperativa Paulista de Dança. Foi ela quem apresentou-me a esse ofício e arte que, até então, ignorava. Com ela descobri, também, um novo sentido para a vida. Desde então, acompanho com interesse as performances, a pesquisa e a discussão crítica sobre essa arte.

Tendo em perspectiva essas circunstâncias, fui buscar na Antropologia, na Crítica Literária e na Literatura, meus campos de conhecimento, algumas relações possíveis entre Literatura e Dança, que apoiassem essa brevíssima dissertação.

De imediato é preciso recordar que, até muito recentemente – por volta de 3 mil anos – as culturas arcaicas não cindiam as manifestações artísticas em atividades independentes.

No Oriente próximo, poesia, interpretação, dança e música achavam-se trançadas como cipó em árvore – sendo que, para muitas culturas,

a árvore representava a conexão entre o mundo natural e o mundo sobrenatural, como ensina o historiador de religiões Mircea Eliade.

Na Europa, o que predomina até a alta Idade Média é o entrelaçamento das artes, como se vê no Trovadorismo, mescla de poesia, música instrumental, canto e dança. Desse momento em diante, por volta do século 15, o entrelaçamento se desfaz, cada arte ganha sua independência e todas seguem nesse rumo, até o século 19, em especial no campo auto-denominado erudito – embora o entrelaçamento perdure, até hoje, nas manifestações populares, em várias culturas.

Esse também era o estado dominante nas sociedades pré-colombianas, há 500 anos. Nessas culturas, as artes que hoje se encontram isoladas, com conceitos, técnicas e repertórios próprios, cumpriam funções religiosas e ajudavam a explicar o mundo – uma vez que, nesses contextos, não havia explicação para o mundo que não fosse religiosa, ou mágica.

Como indicam Max Weber e, mais recentemente, Pierre Bourdieu, o processo de separação da sociedade em classes e estamentos, somado a uma maior sofisticação na divisão social do trabalho, a partir da expansão do mercantilismo, no Renascimento, levou à constituição de um corpo de agentes especializados na criação, reprodução e comercialização de bens simbólicos – processo este paralelo à autonomização e à independência das artes, e ao conseqüente distanciamento entre elas.

Esse distanciamento será questionado no final século XIX, quando artistas e movimentos buscavam integrar o que estivera apartado desde o fim da Idade Média. No campo da música erudita, Wagner retrata exemplarmente esse movimento em busca da unidade perdida. Mais recentemente, na década de 40 do século passado, Walt Disney irá perseguir, na arte do cinema de animação, e a exemplo do compositor alemão, a “obra de arte total” – e “*Fantasia*” é o marco dessa busca. A ópera wagneriana parece, hoje, um acontecimento datado, e o próprio cinema tem estado sempre indeciso entre “sétima arte” e “fusão de todas as artes”. O fato é que, século 20 adentro, as artes continuam autônomas e independentes.

No Brasil, Flávio de Carvalho, com o “Bailado do Deus Morto”, encenado em 1954, representa esse movimento pela integração de Dança, Música, Poesia, Encenação e Artes Visuais.

Muito recentemente, influenciados pelo movimento da dança-teatro (principalmente, mas não exclusivamente, de matriz europeia), coreógrafos e bailarinos brasileiros, deixaram-se seduzir pela palavra – e, de forma mais perigosa, pela retórica. Antes de ser uma corrente em busca da unicidade das artes, esse movimento da Dança sugere, quero acreditar, uma rendição do gesto à palavra.

Nesse contexto, cabe lembrar o conselho de Volúmnia ao filho Coriolano, Imperador de Roma, na obra de Shakespeare. Em um momento crítico para o Imperador, a mãe recomenda ao filho que ajoelhe-se diante do povo, e que “seu joelho beije a terra, porque, nesses assuntos a eloquência melhor é o gesto”.

Ainda hoje, o mercado da dança brasileiro é débil – o repertório é escasso e desconhecido, existem poucas companhias estáveis e o público é diminuto. O risco que se deve evitar é que a dança se torne uma caricatura de si mesma, ajoelhando-se, e colocando a palavra no centro da cena. Isso resultaria em grande prejuízo para a Dança e para o desenvolvimento e ampliação do campo e mercado específicos.

Em 1975, o escritor norte-americano Tom Wolfe chacoalhou o cenário cultural de seu país ao publicar o texto “The painted word”, traduzido no Brasil por “A palavra pintada”. Wolfe faz ver como, desde a década de 40, as artes plásticas, em especial a pintura, renderam-se à teoria (em última instância, à palavra), abrindo mão de seu repertório e tornando-se uma paródia de si mesma: “Francamente, nos dias que correm, sem uma teoria para endossá-la, é impossível ver uma pintura”, escarnece o autor.

O mesmo escarnecimento se aplicaria, julgo eu, a uma concepção de Dança sequiosa de “uma teoria para endossá-la”. Pensando no possível diálogo da Dança com a Literatura (proveitoso para ambos os campos), creio que aí cabe distinguir entre Literatura no sentido estrito de “arte da palavra” (e isso quase sempre quer dizer: Poesia) e literatura no sentido genérico de “qualquer expressão verbal, escrita”, que fatalmente descamba para a teoria e para a retórica – terrenos

pantanosos do qual a dança, para preservar sua existência própria, deve afastar-se.

Recorro, por fim, a Ezra Pound, poeta e pensador da literatura. Em “*ABC da Literatura*”, Pound professa sua crença na unicidade das artes ao afirmar que “(...) a música começa a se atrofiar quando se afasta muito da dança; (...) a poesia começa a se atrofiar quando se afasta muito da música”.

Posso concluir, sem o risco de incorrer em um sofisma, que a Dança começa a se atrofiar quando se afasta muito da Poesia. Com isso, sugiro que criadores e encenadores da dança recorram à Poesia para ampliar o significado de sua arte – e, dessa forma dar um importante primeiro passo seja para o enriquecimento da própria Dança, seja para que a Dança, associada à Poesia, dê sua contribuição ao propósito mais amplo da (re)integração das artes.

Rodolfo Witzig Guttilla é Diretor de Assuntos Corporativos da Natura e autor de *Uns & Outros Poemas*, Editora Landy, 2005.